

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A COMÉDIA (PARTE II)**  
**- A COMÉDIA, IMPROVAVELMENTE**  
**17 e 23 de Setembro de 2020**

**BRIGANDS CHAPITRE VII / 1996**  
**(Bandidos)**

*Um filme de Otar Iosseliani*

Realização e Argumento: Otar Iosseliani / Direcção de Fotografia: William Lubtchansky / Direcção Artística: Emmanuel de Chauvigny, Jean-Michel Simonet, Lena Zhukova / Guarda-roupa: Ludmila Gaintseva, Cori D'Ambrogio / Música: Nicolás Zourabichvili / Som: Florian Eidenbenz / Montagem: Otar Iosseliani / Interpretação: Amiran Amiranashvili (Vano, rei, comissário da aldeia, mendigo), Dato Gogibedashvili (Sandro, cavaleiro, chefe dos serviços secretos, mendigo), Ghio Tzintsadze (Spiridon, músico, músico, músico). Nino Orgionikidze (Eka, rainha, terrorista, burguesa), Ketí Kapanadze (Lia, primeira mulher do sultão, mulher de Sandro, secretária dos mafiosos), Alexi Giakeli (Victor, terrorista, comissário), Niko Kartsivadze (Cola, palafreireiro do rei, guia dos jovens comunistas, mafioso), etc.

Produção: Martine Marignac – Pierre Grise Production, La Sept Cinema, Soyuzkinoexport / Cópia em 35mm, colorida, falada em francês, georgiano e russo, legendada em português / Duração: 120 minutos / Estreia comercial em Portugal: King, a 7 de Agosto de 1998.

*A sessão de dia 23 tem lugar na Esplanada e decorre com intervalo.*

\*\*\*

**Brigands** (o “Chapitre VII” do título é uma espécie de “gag”, destinado a sugerir uma espécie de imutável continuidade na evolução histórica) foi o filme que Iosseliani rodou a seguir, e de algum modo parece pegar no ponto em que **Seule, Géorgie** terminava. Esse ponto era, recorde-se, o início da década de 90, quando a Geórgia estava ainda plenamente mergulhada nas convulsões que se seguiram ao desmantelamento da URSS, entre guerras civis generalizadas ou conflitos regionais não menos sangrentos (como o que envolvia os separatistas da Abkházia).

Como uma história que se repete, e de que este é o capítulo “sete” mas podia ser outro número qualquer, **Brigands** é um filme que parte de um “raccord” muito directo com o final de **Seule, Géorgie** para, no fundo, nos dar a ver a mesma história, em versão ficcionada, burlesca e não pouco irrisória. É um mundo de “brigands” (“bandidos” não quer dizer exactamente o mesmo), exprime Iosseliani, e sempre o foi. Não há novidades nem nunca as houve. Apenas repetição: “é espantoso como ao longo de toda a História as pessoas cometem, em cada época, sempre os mesmos erros”, *dixit* Iosseliani. De certa maneira, **Brigands** também “completa”, em sentido especular, aquele que fora o precedente filme de ficção do georgiano, **La Chasse aux Papillons** – filme sobre a nostalgia de um mundo passado, nostalgia essa cuja falta de sentido (ou cujo sentido meramente idealizado), se já se indiciava no filme de 1993, é aqui totalmente exposta.

Evidentemente, se Iosseliani parte da História recente e de um aparentemente claro “raccord” com **Seule, Géorgie** (bastam poucos minutos de filme para mergulharmos na guerra civil, com os tanques na rua, em perfeita reprodução das imagens documentais que víamos nesse filme), é menos uma visão “estrutural” que ele procura e mais uma perspectiva ao nível dos indivíduos. É através do burlesco que isso se põe em marcha (“a guerra, vai bem?”), tal como é pelo burlesco que Iosseliani cria um distanciamento capaz de exprimir toda a (sua) amargura pela guerra (sobretudo na fenomenal sequência do tanque que explode perante a passividade dos três homens sentados a beber e a cantar).

Como é a esse nível que funciona prioritariamente a “crítica histórica” de **Brigands**. Não tanto a um nível ideológico, mas fundamentalmente por acentuar as similitudes e paralelismos nos comportamentos humanos – os pequenos oportunismos e as pequenas vaidades, numa espécie de “maquette” para tragédias bem maiores provocadas por oportunismos e vaidades maiores. Uma sequência capital de **Brigands** é, neste sentido, a da expropriação, após a revolução bolchevique, de uma casa de aristocratas. Ele são expulsos, levados sabe-se lá para onde, e a casa é entregue à família do homem que “entrou” a tempo; na revolução – e depois, repetem os gestos, repetem o estar, nada verdadeiramente muda, é tudo uma questão de quem consegue ter a face mais poderosa da moeda voltada para cima.

Toda esta impressão de continuidade “determinista” é reforçada por alguns dos mais complexos elementos estruturais alguma vez presentes no cinema de Iosseliani. A questão do filme que se projecta (vemos a cabine, vemos o projeccionista, vemos o filme) e o episódio das bobinas trocadas. É clara a ideia da História como um filme (portanto algo de inalterável durante a projecção), é menos clara a troca de bobinas – a não ser que seja ainda um reforço das continuidades e das repetições, como se fosse “Brigands, bobine 7”, e mais uma vez a ordem fosse arbitrária e conduzisse, em qualquer circunstância, ao mesmo fim.

É preciso notar ainda que, pese embora toda a dimensão burlesca que Iosseliani imprime ao seu filme (nas sequências medievais como nas bolcheviques ou nas contemporâneas) **Brigands** contém também um dos finais menos esperançosos da sua obra. O belíssimo plano-sequência nas ruas de Paris, com a mulher que não reconhece o homem, e depois o travelling por paisagens (presumivelmente) georgianas: por uma vez, sentimos Iosseliani a fechar um filme numa nota amarga sem qualquer contraponto redentor.

Luís Miguel Oliveira